

“A GENTE NÃO PODE DEIXAR MORRER A SEMENTE DAS COISAS QUE PLANTAMOS DENTRO DA INSTITUIÇÃO”¹

Victória Cláudia de Souza Melo²

Amanda Marques Dorneles³

Luciney Araújo Leitão⁴

Entrevistador/es/as: Irmã Eva, gostaríamos que a senhora falasse um pouco sobre como chegou ao Acre e nos contasse também sobre de onde veio sua vontade de ser professora do ensino fundamental.

Entrevistada: Eu me chamo Eva Clementina Gomes. Sou professora e sou Irmã da Igreja Católica. Em 1990 fui morar em Belo Horizonte, onde eu continuei a formação da minha vida. Depois, em 1992, me mudei para Florianópolis e de lá para Rondônia. Eu sou de Rondônia, e era professora da rede estadual lá. Estava à disposição da Secretaria Estadual de Educação de Rondônia, e lá eu trabalhava em escolas públicas. Quando precisei fazer esse movimento, por questões pessoais, eu me afastei do ensino público. Tirei algumas licenças sem ônus para o Estado para cumprir essa outra agenda bastante pessoal. Depois voltei para Rondônia, especificamente para a cidade de Guajará-Mirim, meu local de nascimento, porque ali, trabalhei por 23 anos no serviço público.

Quando eu precisei ir à Itália fazer uma outra formação religiosa, pedi uma nova licença. Mas, na verdade, eu já estava me cansando disso. Então, em 1997, soube que viria morar em Rio Branco por um tempo mais longo. Então, pensei: vou pedir a minha redistribuição para o Acre, e pedir a redistribuição, claro, para o ensino Federal. Nessa época eu tinha descoberto Colégio de Aplicação, e dei entrada em toda a documentação.

Foi bastante sofrido. Achavam que a minha pessoa não iria contribuir com a escola e que a escola já estava muito cansada de quem chega redistribuído, pois chegava e logo pedia para ir para outros centros. Na verdade, havia um certo preconceito dentro da escola com relação a quem vinha

¹ Entrevista realizada com a profa. Eva Clementina Gomes, do Colégio de Aplicação, em 28 de setembro de 2021, nas dependências do Instituto Imaculada Conceição.

² Graduada do curso Licenciatura em Ciências Sociais. E-mail: victoria.melo@sou.ufac.br

³ Graduada do curso Licenciatura em Ciências Sociais. E-mail: amanda.dorneles@sou.ufac.br

⁴ Professor de Sociologia EBTT da Universidade Federal do Acre. E-mail: luciney.leitao@ufac.br

redistribuído. Não é um privilégio, às vezes a gente lida com as situações. Na época, a própria diretora colocou algumas dificuldades. Mas eu fiz valer o meu direito, o direito que eu tinha de ser redistribuída para a rede federal, né? Então, dei entrada na documentação em Brasília e fiquei aguardando. E nesse período em que aguardava, já fui para dentro do colégio.

Eu cheguei no Colégio de Aplicação e a recepção não foi das melhores, mas acima de tudo aquilo que eu acredito. Dei a volta por cima. Do grupo atual, da época em que cheguei, chegou a professora Kelly. Ela chegou como substituta e hoje ela é professora efetiva. A professora Tavifa veio logo em seguida. Elas são do mesmo concurso. Nós somos as três mais antigas naquela área. Mas já estamos no período de pendurar a chuteira. Acredito que eu já dei minha contribuição.

Eu sou irmã Serva de Maria⁵, mas aqui, no Colégio, eu sou professora, professora de um pouco de tudo, como dizem. Eu me tornei professora. A minha formação é de magistério. Depois que fiz pedagogia. Eu primeiro me tornei professora. Depois, por opção de vida, fui seguir minha vocação.

Uma das responsáveis por fundar o curso de Pedagogia aqui no Acre foi a Irmã Giovanna Ginelli⁶. Ela trouxe a pedagogia para cá. O Dom Giocondo⁷ foi aluno da primeira turma da Universidade. Ele foi um dos estimuladores do curso, porque ele pensava em fazer Direito naquela época, pois ele tinha vontade de ajudar os pobres. Mas, infelizmente, ele praticamente não deu muita sorte e veio a falecer em um acidente aéreo.

Aliás, aqui no Acre, a gente não pode pensar educação sem pensar nas Irmãs Servas de Maria Reparadoras, que construíram aquele grande colégio, a escola de Santa Juliana em Sena Madureira, e a Escola Divina Providencia em Xapuri, em seguida vieram para Rio Branco, com foco na educação. A educação era o foco das religiosas, começava com o jardim de infância abrigando as crianças no pós-guerra. Havia tarefas de saúde, quando cuidavam de soldados de guerra (Itália), daí o nome dos Hospitais Santa Juliana e Santa Casa da Misericórdia. Foram as Irmãs Servas de Maria Reparadoras, que no dia 14 de novembro de 2021 fez 100 anos, que começaram a pensar essa educação no Acre. É

⁵ A Congregação das Irmãs Servas de Maria Reparadoras, foi fundada pela Venerável Madre Maria Elisa Andreoli em 12 de julho de 1900, em Vidor Treviso no norte da Itália. Estando presentes em 11 países: Itália, Brasil, Portugal, Argentina, Bolívia, África, Filipinas, Albânia, Peru, Togo e México. E no Brasil estão presentes em 09 Estados: Acre, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Bahia, Paraná, Minas Gerais, Goiás, Piauí e Maranhão.

⁶ Irmã Maria Giovanna Ginelli, pertenceu congregação das Irmãs Servas de Maria Reparadoras. Licenciada em Pedagogia e Filosofia nos anos de 1950 e 1954 pelo Instituto Universitário Maria Santíssima Assunta, em Roma, Itália. Em 1970 revalidou seu diploma em Letras na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro e em 1973 veio para Rio Branco, foi uma das responsáveis pela construção do curso de Pedagogia da UFAC.

⁷ Dom Giocondo Maria Grotti, OSM (13 de março de 1928 - 28 de setembro de 1971) foi um bispo católico italiano e terceiro prelado do Alto Acre e Purus.

até uma pena que a gente não leve essas datas tão à sério. A gente leva outras. Mas eu queria fazer uma grande festa, uma festa de reconhecimento da contribuição que elas deram para a educação aqui no Estado. Ninguém pode pensar a educação no Acre sem pensar nas Irmãs Servas de Maria Reparadoras, aqui em Rio Branco, e nas irmãs Dominicanas⁸, lá em Cruzeiro do Sul, das Missões.

Elas vieram da Itália, aqui para o Brasil, de navio. Não sabiam falar a língua portuguesa, mas chegaram com esse espírito da educação. A nossa fundadora, ela era apaixonada pela educação. Ela fundou o grupo pensando nas crianças, pensando naquelas crianças que precisavam de escola. Durante a noite iniciava-se o trabalho braçal, com meta de fundar um local de proteção e ensino. E aí, quando elas foram convidadas pelo bispo que tinha aqui, elas então se propuseram a sair da Itália e vir para o Brasil, para o Acre. Foi assim que o nosso grupo fundacional fez.

As irmãs chegaram para morar numa casinha muito simples. Durante o dia, elas trabalhavam com as crianças. Antes de estarem com as crianças, elas faziam as coisas. Plantavam, colhiam e depois as crianças começavam a chegar. A criançada caminhava por horas dos seringais. As irmãs foram começando o trabalho da educação ensinando as prendas domésticas. Foi assim que começou o processo da educação. Durante o dia elas trabalhavam na vida da roça, plantar para sobrevivência, e à noite, elas educavam o povo, uma educação de forma muito autônoma.

Entrevistador/es/as: A senhora fez pedagogia em Rondônia?

Entrevistada: Eu comecei lá, depois, com essas minhas idas e vindas, eu tranquei o curso e fui terminar aqui no Acre.

Eu assumi com o vice-diretora da escola por um tempinho. Quando saí, vi o serviço público diferente. Cada um defende uma bandeira. Nesse sentido. Mas terminava ali. Nossa assembleia, em 10 minutos tudo estava resolvido, e a gente estava novamente fazendo aquilo que era nosso dever, que é ser educador. Então, era muito diferente, um grupo maduro também na idade. Hoje tem muita gente

⁸ As Irmãs Dominicanas chegaram em Cruzeiro do Sul em 19 de dezembro de 1937 com três Irmãs, Irmã M. Adelgundis Becker, Irmã M. Athanasia Weber, Irmã Disiboda Strasser, a pedido do bispo Dom Henrique Ritter. No dia 3 de outubro de 1938, abriram o “Instituto Santa Teresinha”, chamado de “Convento da Santa Cruz”. Sua missão na diocese tem a finalidade de assumir tarefas de educação e trabalhos pastorais. Depois ocorreu a abertura das casas em Porto Valter (1956), Mâncio Lima (1976). De Cruzeiro do Sul expandiram para as dioceses de Jacarezinho, Paraná (1967), Tefé, Amazonas (1998), Guarulhos e Rio Branco. A Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Maria Madalena nasceu em Espira, Alemanha, em 1228, e, em 1304, passou a pertencer a 2ª Ordem de São Domingos. Somente no ano de 1887 - o papa Leão XIII permitiu a passagem para a 3ª Ordem de São Domingos.

muito mais jovem no CAP. Isso também é um fator que temos que considerar. Eu recordo de um coordenador muito bom, o Professor Jacy. Não sei se você já ouviu falar nele, Ney?

Entrevistador/es/as: Sim, ele foi um primeiro professor de Sociologia do CAP.

Entrevistada: Isso. Ele era um homem de muitas articulações. Era capaz de fazer o melhor para a escola, de uma forma que a gente não ficava sem assistência. Não tinha essa de “de cima para baixo”. Ele fazia uma ponte muito bacana. O professor Jaci já se aposentou. Foi um grande homem dentro do CAP, responsável pela implementação de muitas coisas em nossa escola. Ele teve uma presença muito significativa pela pelas pontes que ele era capaz de fazer. Nesse meu tempo de vida, de alguma forma, eu consigo viver sem nenhum tipo de equilíbrio o tempo do passado e do presente. Antigamente era uma coisa muito transparente. Hoje, muitos veem os títulos mais importantes que as pessoas. Então, as pessoas desaparecem nos títulos, né? E essa questão, do humano, fica muito despercebida. Mas para a educação esse é um fator fundamental. É bonito a bandeira de um curso bastante equilibrado, mas temos que pensar no ponto de vista igual para todos. Quando eu converso com o grupo de professores do Colégio de Aplicação que tem não tem muita habilidade no campo da pedagogia, eu sempre digo: faça à diferença. E isso nos uni muito. Nos unimos nesse valor, pois nós, da pedagogia, temos nossas habilidades próprias, habilidades da nossa profissão. Então, podemos fazer de forma autônoma pelo respeito da nossa área.

Quando foram divulgadas as primeiras notas do IDEB⁹, naquele tempo, naquele momento, fizeram uma grande festa. A gente estava em sala de aula e nem sabia o que estavam comemorando. No CAP podemos fazer um trabalho diferenciado com as crianças do quinto ano. A pandemia me atrapalhou, pois eu sempre levo as crianças para realizarem viagens. Por um bom tempo, eu organizei dois intercâmbios interestaduais, levei a turma para Guajará-Mirim, em Rondônia, era nossa escola com uma escola municipal, e fiz outra [viagem] para Humaitá Amazonas. Eu estava com um projeto novo, ia levar as crianças para conhecer um projeto de assentamento, para eles fazerem um intercâmbio com os alunos de lá, que tem horários que trabalham na roça e em outros estão na escola, esse projeto fica em Nova Marmoré, em Rondônia. Mas a pandemia chegou e tive que interromper o projeto. Sempre com os alunos do 5º ano, que é a turma que eu leciono. É um trabalho, pois a escola é espaço de educação.

⁹ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, instituído desde 2007 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

Você sabe que algumas coisas são assim. Não têm continuidade. Você planeja as coisas, mas não é valorizado. Falta reconhecimento. Não é que eu faço para esse tipo de valorização, mas aí as pessoas vão perdendo também o estímulo. A gente não pode deixar morrer a semente das coisas que plantamos dentro da instituição.

Eu sempre gostei de estudos literários. Então, eu achei que a literatura no ensino fundamental seria importante. Um amigo meu, que começou no Colégio de Aplicação, ficou encantado em ver os meninos ativos participarem das atividades. Hoje eu faço pensando no que isso vai dar lá na frente, pois eu não sou a professora só de preparar o plano de aula de matemática, de multiplicação. Eu sou a professora que trabalha com todas as possibilidades que eu tenho. Envolve os pais, realizo projetos envolvendo atividades diferenciadas, envolvendo os pais com as crianças. Trabalhos que levem não só a aprender a somar, produzir um texto, mas que eles possam levar para vida. Então, quando encontro algum ex-aluno... Desde 2000 no CAP... Vocês imaginam o quanto de alunos que já passaram. Alguns falam comigo por aí e eu já não sei mais quem é, e sempre peço que digam seus nomes.

Eu fui chamada para mediar uma situação, daquelas situações que a gente não gostaria, mas às vezes se torna uma oportunidade para a gente fazer acontecer. Então fui chamada para mediar a situação de uma família com a escola. Essa família disse assim: “Somos nove pessoas da minha família que estudaram nessa escola, e hoje eu estou tendo essa dificuldade dentro da escola”. Isso me chamou atenção. Então, falei a ela: “é porque você veio de gerações diferentes, e você hoje não consegue fazer esse processo. Como mãe de aluno, conhece a escola e a estrutura dessa escola, conhece o potencial dos professores. Você ter essa mentalidade é sinal de que também você não conseguiu mudanças em sua mentalidade, você quer aquilo que você gosta, mas são gerações diferentes”. Então, disse para ela guardar na sua memória. Ela disse que ia tirar o filho da escola porque não concordava mais. Falei a ela que o que ela guarda levou ela a escolher essa escola para o seu filho.

São as lembranças da boa escola. Então, é preciso recuperar essa memória, a memória fundamental. Eu não posso olhar a escola pelo hoje, com aquela ideia da do ontem. Eu tenho que ajudar fazer uma leitura com um olhar até mesmo para comparar. Eu conheço os princípios dessa escola, eu conheço os desafios dessa escola, conheço a luta dessa escola, e isso ajuda a fazer dessa escola uma escola diferente.

As pessoas estão mudando também e essa geração de professores está chegando e vai dar um outro rosto para o colégio. Não tem mais o rosto que tinha há 40 anos, que tinha 20 anos atrás. E nós não podemos negar isso, temos é que entender isso. E, para isso, precisamos fazer a integração, pois

o colégio será sempre o mesmo Colégio de Aplicação, com esses vários rostos e só esses vários ossos do carpo que a gente precisa cuidar.

A gente achar para o CAP de hoje é o melhor? É o melhor para esse momento. O CAP de ontem deu a sua resposta e o Cap de hoje é fruto das respostas que o Cap de ontem deu. Então, a gente precisa fazer isso com muita tranquilidade e leveza para não ser pesado nem para quem veio. Uma vez eu escutei um professor da escola dizer assim: “A gente também tá desconsiderando Matusalém”. Eu me lembro que a minha colega ficou na época ficou muito chateada e a professora disse que também se sentiu Matusalém. E ela saiu na defesa daquelas que estavam ali há mais tempo, e daquilo que a gente pode contribuir.

Eu não aprendi só, eu aprendi na inspiração, na paixão que meus professores tinham desde lá da infância. Professores apaixonados, e isso é muito importante. Então, quando preciso cuidar do aluno, aquilo que é importante, eu vou atrás; não importa.

Eu vou falar uma coisa marcante sobre ser professor. Uma vez eu fui falar com um comandante da Polícia Militar aqui do estado. Eu já enfrentei um comandante. Esse comandante veio fazer uma reclamação de que a Escola que não cuidava de seus filhos. Foi uma loucura e marcou a minha, ter que enfrentar esse comandante. Eu fui silenciosamente; não quis tornar público aquilo que eu pensava fazer. Então, eu agendei lá com o chefe e encontrei com um homem desse tamanho, sabe esses homens bem grandes? Fui lá e disse: “o senhor é responsável e o senhor faz a diferença na vida das crianças”. E foi muito válido. Então, a vida pessoal de vocês me interessa. E aquilo que for melhor para o meu amor, eu vou fazer. Então são memórias, meninas. Eu tenho preguiça de escrever um livro sobre essas coisas. Essas aventuras ficam na memória.

Entrevistador/es/as: Como é a rotina da Irmã Eva Clementina, Serva de Maria e da Professora Eva Clementina?

Entrevistada: Sempre, às 5 horas da manhã eu já estou de pé. Eu sou a mais nova aqui onde moro e tenho uma responsabilidade muito grande nessa dinâmica, na espiritualidade. Eu acordo cedo e vou encontrar as irmãs, saber se dormiram bem, se foram bem cuidadas à noite. Algumas vezes, não consigo me acordar para ver se está tudo bem, mas normalmente eu me acordo. Agora estou trabalhando em casa, mas antes disso eu já fiz tudo aquilo que não cabe na manhã. Quase toda manhã eu falo com o professor Ney, geralmente na madrugada. Eu já mandei no grupo da nossa área as demandas do dia, mando todos os recados. Nesse momento estou representando a minha área.

Geralmente, junto com um grupo de pessoas, muitas vezes à noite, saímos e vamos oferecer uma sopa, umas roupas para aqueles estão em condições de rua.

Entrevistador/es/as: Irmã Eva, eu lhe conheci como coordenadora da polivalência e acreditava que a senhora era evangélica, mas aí o Regineison me corrigiu e me falou que a senhora era Irmã Serva de Maria.

Entrevistada: Eu ouvi muito que iria fazer proselitismo religioso. Então, tive uma certa dificuldade, de um olhar diferenciado. Mas não é o meu estilo. Não acredito em imposição de religião nem para mim nem para de ninguém.

Entrevistador/es/as: A Senhora fala muito sobre a importância da participação dos Pais na escola e na vida do aluno. Eu queria saber como essa participação foi afetada pela pandemia. Como foi manter contato com os pais de seus alunos durante esse período?

Entrevistada: Eu não fiquei distante dos meus alunos durante a pandemia. Nem dos alunos e nem dos pais. Como eu tinha acesso aos pais, porque tinha um grupo da escola, então, através do grupo da escola, continuamos a manter contato. Eu sempre pergunto se está tudo bem, se têm alguma dificuldade. Agora mesmo estou com um pai resolvendo a dificuldade de um aluno que repetiu de ano, ano passado. Eu vi que ele tinha alguma necessidade e, como ele tinha necessidade, a família estava muito ausente. Então, falei: desculpa, mas o 6º ano tem uma dinâmica e lá em sua casa é outra. Eu estaria prejudicando a criança. Ele ficou com raiva naquela hora, porque ele acreditava que não precisava investigar nada sobre o comportamento da criança¹⁰. Com uns dias, o pai me deu retorno, fez o exame da criança e já sabe qual é o transtorno que ela tem. Então, hoje eu estou muito feliz.

Vou na escola me encontrar com os pais. Nunca perdemos contato. Quando eu vou começar as aulas, eu prefiro não ter os pais na sala porque eu quero que os meus alunos cresçam em autonomia. Então, prefiro que os pais não estejam na sala onde eu estou dando aula, onde estou com os alunos. Mas os pais têm muita liberdade para se precisarem falar comigo, falarem. Então, é assim, eu não me distanciei dos pais nesse tempo. Nos encontros, eu sinto que eles são muito agradecidos; na sala de aula eles agradecem muito a isso. Às vezes pedem para que eu tenha cuidado, perguntam como é que

¹⁰ Relato sobre a solicitação de investigação do comportamento de um aluno do CAp/UFAC antes do diagnóstico de autismo.

eu vou lá para escola. Eu digo para ficarem tranquilos, pois vou com segurança em um carro aqui de casa, com o moço daqui de casa. Então tem isso. Eu acho isso é importante, e eu não consigo ser professora sem ter os pais perto de mim, da minha sala de aula. Toda semana vou na escola para entregar o material.

Entrevistador/es/as: Falando de experiência, a senhora teve várias funções na escola? A senhora sempre teve a função de pedagoga, de professora ou a senhora participou da coordenação?

Entrevistada: Eu já fui coordenadora, mas não é assim aquele campo da minha paixão. Minha paixão é a sala de aula. Eu posso fazer muito mais na sala de aula do que na coordenação. Primeiro porque na coordenação é algo institucionalizado e na sala de aula não. Então, eu posso fazer muita coisa. Eu tenho muitas memórias do que vivi no Colégio de Aplicação e estando nas coordenações fica mais complicado. Na escola eu sou professora, meu sentimento é grande. Eu tenho muito orgulho, tenho gratidão de ser membro, de pertencer ao Colégio de Aplicação. Isso para mim é muito importante. Não é só o lugar que eu ganho minha subsistência. É mais que isso. É o lugar de realização, muito mais que material, porque é o espaço onde eu posso contribuir com outras pessoas, com outras situações. Então, para mim é um lugar especial, que ele, o Colégio, ocupa no meu coração. E a palavra que define bastante é gratidão.

Nesses 40 anos do Colégio de Aplicação, eu estou nessa comissão [de memória]. Nós vamos pensar algumas coisas para essa memória, sobre esses 40 anos que a gente já viveu, tudo que nós já vivemos e o que nós vamos viver ainda. Então, é um momento sentimental. A instituição comemorou os 40 anos e está nas nossas mãos fazer o melhor, o melhor de nós. Esse espaço está dentro de mim e eu dentro dele.

Entrevistador/es/as: Irmã Eva, muito obrigada pela sua entrevista. Foi ótimo poder escutá-la, conhecer sua trajetória de vida e trabalho.

Data de submissão: 05/02/2022
Data de Aprovação: 02/12/2022